



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

17 DE FEVEREIRO DE 1962
ANO XVII — N.º 468 — Preço 15

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

DOCTRINA

«PÃO DOS POBRES»

Embora seja distintivo dos cristãos o sinal da Cruz; embora seja Cristo crucificado a imagem de Jesus mais divulgada — o Cristianismo não é doutrina de um Morto, mas Vida de um Ressuscitado.

Tudo aquilo que significa vida, resulta de vida ou se transforma em vida constitui, por natureza, um motivo de interesse para o cristão, que é nem mais nem menos do que um homem adoptado filho de Deus pelos méritos do Filho de Deus humanado. Toda a ordem da Salvação está contida no Mistério da Encarnação. É falso o caminho que, em nome de um pseudo-espiritualismo, se cinge aos valores espirituais desencarnados. caminho que pode assentar todo ele em fundamentos lógicos que não reais, que não correspondentes à realidade do homem sobre a Terra: união substancial de alma e corpo.

Pois pode ser outro o caminho dos cristãos, senão o Caminho que Jesus identificou consigo próprio?! E Jesus — o Caminho — não é o Verbo (Deus, Puro Espírito) incarnado?!

Tudo o que é humano — vivo, portanto, na ordem deste mundo — interessa aos cristãos. Tanto os valores espirituais, hierarquicamente superiores e subordinantes, como os valores materiais, que servem instrumentalmente aqueles.

É nesta perspectiva que o problema da habitação — problema humano que é — é um problema cristão, um problema de que todo o cristão consciente, logo responsável, não pode alhear-se.

É pensando e sentindo assim, que nos regosijamos com todos os esforços de ressurreição que vamos descobrindo lateantes na vontade de tantos pobres trabalhadores, capazes de passar dos

lugares da morte em que vegetam, a outros onde a vida do espírito é possível, se houver quem lhes dê a mão. Uma mão fácil, uma mão fraterna, uma mão inteligente e sensível, apoiada em princípios firmes, mas muito adaptável à imensa diversidade das circunstâncias que esperam o seu auxílio. É que não há um problema de habitação. Este ramifica-se em quase tantos problemas, com os seus aspectos específicos, quantos são os indivíduos a quem eles se põem.

Por isso, quanto bem não pode fazer um Pároco inteligente e dedicado, que se debruça sobre os casos dos seus paroquianos mais necessitados e também sobre os de aqueles que trazem no peito ânsias de uma vida melhor e são capazes de fazer o mundo melhor! Tantas energias desperdiçadas em inutilidade — quando não em maldade... — que podiam ser captadas em potencial de bem!

continua na página DOIS

G

RAÇAS a Deus, o «Pão dos Pobres» tem estado a sair. Agora o caudal é de regato, depois daquela cheia que foi o aviar dos assinantes da Editorial. Estamos à espera de mais duas cheiazitas ainda este ano e a respeito do II Volume, mas depois voltaremos ao fio de água até ao esgotamento desta edição.

Tem-se notado nas encomendas chegadas, muitos pedidos para oferta.

Pois que boa prenda não é um bom livro?! E quando o livro vai tocar directamente a alma, o mais profundo da alma, servindo a inteligência com simplicidade e fortalecendo a vontade com eficácia — que melhor prenda, se a oferta não é um cerimonial sem sentido, antes a expressão de um afecto verdadeiro?!

Pois o «Pão dos Pobres» produz este efeito de alma. E senão... leiam e reflitam estes desabafo:

«Recebi o 2.º volume do «Pão dos Pobres» que muito agradeço e envio junto 20\$ para ajuda das despesas materiais feitas com ele. Não é pagar, pois o pão do espírito não há dinheiro que o pague e este livrinho é Pão bem sadio para as almas. Ele é sino a vibrar às nossas consciências. Que Deus nos perdoe, aos remediados e

mais ainda aos ricos, o egoísmo e a indiferença. Todo mal que vai por esse mundo fora é uma consequência destes grandes defeitos da humanidade. Quem tiver lido que veja.

Pedindo a Deus, por intercessão do bom Pai Américo, que vos ajude e proteja sempre, pre, subscrevo-me com maior estima por todos vós.

Este mesmo pensamento e sentimento! — de que o «Pão dos Pobres» não é de pagar...

continua na página DOIS

FESTA

TODOS os anos assim tenho começado: no singular. Depois desta primeira denunciação, os nossos padres ganham coragem e resolvem dizer que sim, nas cidades servidas pelas suas Casas. E aí temos nós no jornal seguinte a notícia no plural: Festas. Vamos a ver como será este ano...

A verdade é que eu até estremeço só de pensar na Festa. Ele são tantos os trabalhos em mãos e outros a reclamar a nossa atenção urgente, que preparar a Festa, com a inevitável dissipação que a acompanha, me aterroriza. Mas é mais verdade ainda que tal sentimento é uma falha de simplicidade a tentar-nos à falta de correspondência à estima tantas vezes provada, que causa e explica o desejo de nos rever anualmente.

Pois não se lembram, que o ano passado houve quem marcasse o seu bilhete para este ano, não fôsse repetir-se a triste experiência de não haver lugar? Pois não recebemos ainda há dias duas cartas de Lisboa, com dinheirinho à frente, para os bilhetes na Festa do Império?...

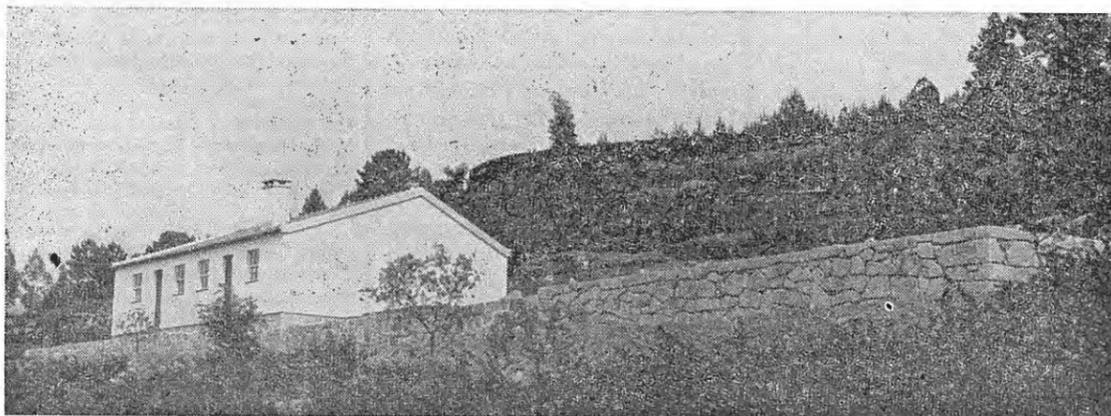
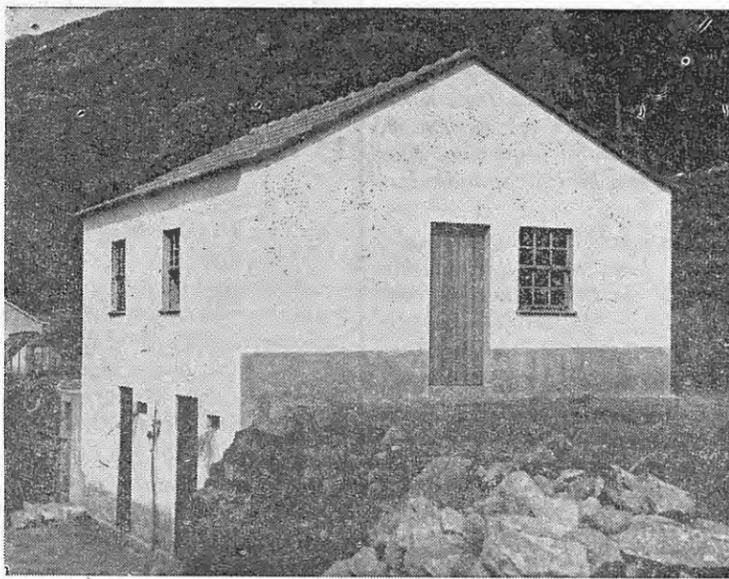
E de Braga perguntam quando vamos. Da Figueira da Foz dizem-nos que também ali moram muitos amigos e invocam em defesa do seu direito, que Pai Américo por lá deu muitos dos seus primeiros passos sacerdotais. Em Aveiro há interessados (Aliás, no Coliseu, temos sempre uma boa representação de Aveirenses vindos de propósito!)

Cada uma destas vozes cria-nos uma responsabilidade; mas é causa, também, de muita alegria!

Portanto, com estremeção ou sem ele, a Festa vai ser no Coliseu em 5 de Abril.

O que vai ser a Festa é que eu não sei. Eu já chamei o Américo. Disse-lhe que era ele, que era com ele. Alguém teve que dizer do empresário do ano passado?! Ele gemeu... mas eu sei que ele gosta — e, se Deus lhe deu habilidade que a exercite.

Eu vou ver se consigo ser somente espectador.



★ BELEM ★

Quem hoje tem a palavra sobre projectos da Casa Nova, são os primeiros dos nossos benfeitores que ouviram o nosso apelo e acorreram a marcar presença. Eles não só trazem a contribuição das suas ofertas como apresentam sugestões que, a serem postas em prática, brevemente nos fariam possuidoras da quantia necessária à realização do nosso intento. Que cada qual leia, medite e corresponda, na medida das suas possibilidades e devoção.

«Junto a minha primeira contribuição para a compra da quinta destinada ao futuro «presépio» das nossas queridas «belenitas» — 100\$».

É uma voz masculina da Capital e segue-se outra feminina da mesma terra:

«...Em Belém penso muitas vezes mas... não me tem sido possível passar disto, pois sou uma humilde costureira, só e já de 66 anos. Mas hoje, ao ler o jornal, não pude ficar assim em face de tão urgente necessidade... Juntos vão 100\$».

Maria Cecília e Marido juntam à habitual nota de 50 mais 100. De Leiria «migalhinhas» de 50. Nota de 20 de anónimo de Viseu, sufragando a alma de sua Mãe e pedindo um Pai-Nosso. Outra de 50 da Casa Celso Saraiva, em Viseu. Quota mensal da Farmácia Constança. F. de Coimbra leu o apelo e enviou 50. Outro tanto de colega e amiga da Faniqueira. Mais 50 entregues pela menina Gracinda e Pai. Pessoas que nos visitaram deixaram um total de 570\$. Vale de 150\$ da Mãe Irene, com palavras muito amigas.

Da Praça de Damão, em Lisboa, veio um cheque de 1.200\$ que nada custou a receber, como sempre. São suficientes as três palavras que rematam todos os artigos. Ninguém tenha receio.

Uma Avó de Tomar, no dia dos seus 61 anos, envia «20 com pena de não poder dar mais, mas esperando em Deus poder contribuir com mais alguma coisinha».

Senhor Bilhoto, de Viseu, entregou 500\$, sendo 30 para a assinatura do jornal e o resto para Belém. Assinante de Castelões trouxe a nossa casa mil para a compra da quinta e muito carinho e interesse por todos os nossos problemas, partindo com esperança de voltar.

Segue este comentário de alguém que sabe fazer contas: «50 para ajuda da aquisição da nova casa. Se 16 mil leitores de «O Gaiato» dessem 50 cada, estaria conseguida a verba necessária dos 800 contos». Impossível? Não, que o «Famoso» tem muito para cima de 40 mil leitores...

Agora um pedacito de uma carta chegada da Moita do Ribatejo: «Muitos parabéns por ter encontrado a casa desejada para o seu ranchinho de «belenitas» e Deus toque os corações e desate as bolsas, para que o encargo que a Mãe Inês tomou se vá tornando menor. Juntos envio 200\$, para um palminho dessa quinta, que será em breve novo ninho das belenitas».

Maria da Anunciação enviou, pela segunda vez, nota de 100, livros e pagelas — «tudo destinado às belenitas». (Então nem o livro sobre a vida de Santa Inês é para mim? Olhe que eu sou mesmo Inês a sério — só Inês!)

O anónimo de Lisboa acrescenta outro tanto à habitual no-

ta de 20, esperando manter a quota duplicada até Julho. Maria Amélia do Porto comparece com 50.

Segue, no uso da palavra, um recluso da Cadeia Central do Norte: «Não podendo ficar insensível a essa necessidade, remeto, incluso, um vale de correio no valor de 100\$, com a promessa de voltar, quando possível, e o desejo sincero de que seja a centelha a inflamar o coração dos privilegiados, para que a preciosa ora saída possa recolher em breve. Termina com o pedido de uma oração para que uma benção celeste desça sobre o meu Lar, outrora feliz e hoje estropiado».

Toda a carta revela pessoa de boa cultura, equilibrada no raciocínio e de sensibilidade delicada. Pediremos ao Senhor que o acompanhe, assim como a todos os seus.

Outro pedacito de carta e outro processo de contribuição: «Sou uma velha professora primária, reformada e viúva: pode calcular a minha riqueza... Como vou tendo umas lições particulares, ponho de parte, cada mês, o dízimo do que elas me dão. Logo que complete mil escudos enviar-lhe-ei 100\$ e assim todos os meses até perfazer um conto».

Do Seminário Diocesano da Cova da Iria veio esta mensagem cheia de fé, de um Sacerdote:

«Ao terminar a leitura do artigo do Gaiato, «Belém», mando um cheque de 200\$ para a compra da desejada quinta. É pouco, mas é de boa vontade. Tenhamos confiança!... Os seus desejos cumprir-se-ão!... Vão algumas pagelas para as que já sabem ler».

Recebemos encomendas com roupas de várias terras da Metrópole e das Províncias Ultramarinas. Calçado e novelas de lã de S. Pedro do Sul. Feijão de uma Casa de Santiago. Laranjas de Castelões. (E que docinhas, dizem as belenitas...)

500\$ de Lisboa, que Padre Baptista enviou em cheque.

De Paço de Sousa, vale de 4.500\$, total dos donativos ali recebidos. Não posso deixar de comentar aqui esta passagem duma das cartas que acompanhavam estes donativos: «...500\$ é uma contribuição modestíssima e hesitei sobre se deveria mandar uma quantia tão insignificante em relação ao preço da quinta... mas custava-me não concorrer».

Por amor de Deus, minha Senhora, não raciocine assim, por-

que, se muitos lhe seguissem o exemplo, então é que não teríamos casa nova. Há mais bolsas pequenas do que grandes e estas são as que mais custam a abrir, quase sempre. A Casa Nova há-de conseguir-se com migalhas, fatias, bons pedaços e pães. Isto mesmo é que lhe dará um valor muito para além do material e a tornará obra querida e apreciada, não só de meia dúzia, mas de todos — ricos, pobres e remediados — que a ajudarem a levantar.

Total da venda do jornal, nos dois domingos de Janeiro — 605\$00.

Visiense anónimo entregou 5.000\$00. E, se todos os que poderiam dar tanto e mais do que este se não fechassem com os seus contos, estou certa que, uma vez entradas na posse da quinta, poderíamos imediatamente dar início às pequenas obras de adaptação da Casa de habitação a família tão numerosa. A seguir viria a execução de um projecto de construção de casa de habitação para um casal de agricultores, ceiteiro e dependência para arrecadação dos demais produtos agrícolas e pocilgas. Depois, seria a construção de edifício separado, para escolas de artes e ofícios...

E terminemos com estas palavras de Leiria que propositadamente guardei para o fim: «Junto um vale de 150\$, para ser aplicado no auxílio às crianças pobres da região».

Mas, Senhor ou Senhora, a casa que se abriu em Viseu, destinada às crianças sem lar de qualquer ponto do País e não só às daqui, como supõe. As primeiras vinte são de Braga, Vila Real, Porto, Guarda, Covilhã, Castro Daire, Viseu, Leiria, Coimbra, Lisboa e Ribatejo. Sobre este assunto voltarei a falar, logo que possível, pois há interesse em ser aprofundado. Fiquem, porém, desde já todos sabendo que «Belém» é, por enquanto, pequenina, mas nasceu com horizontes muito largos.

O estimado benfeitor de Leiria, pelos vistos, estava longe de encontrar em Belém uma sua conterrânea... Mas tem que dar, por isso, graças a Deus, que assim foi ainda mais católico o seu dar.

Depois de descontado o necessário para as despesas ordinárias de Janeiro, verificamos que podemos destinar à Casa Nova mais 13.029\$00.

Precisamos, portanto, agora só de:

786.529\$00
— 13.029\$00
773.500\$00

Ficamos confiadamente à espera de mais subtractivos, com a certeza de que virá cair sobre «Belém» uma tão copiosa chuva de tijolos, pedras, vigas e telhas que, no recolher da preciosa ou romagem ao «Presépio», se poderá dizer com verdade que a Obra é realmente de todos os capazes de a compreender e amar.

Inês — Belém — Viseu

PÃO DOS POBRES

continuação da página UM

no-lo revela a delicadeza com que alguém, na ocasião de um peditório, se aproximou de nós: «Deixe-me dar-lhe isto, Padre, para pagar o papel».

E outros dizem semelhantemente: «Para retribuição do livro que tiveram a amabilidade de me enviar, junto remeto...».

Uma rapariga conta-nos um mau sucesso na sua vida que lhe torna difícil liquidar o «Pão dos Pobres». Mas... «este livro encerra muitas verdades, verdades que preciso de meditar e pôr em prática, para mais perto me colocar de Deus». Por isso..., «assim que puder enviarei os 30\$ para perfazer aquilo que tinha pensado dar pelo livro. Isto (40\$) é só para acusar a recepção».

E não sei como — fruto, certamente, da nossa desorganização — aconteceu-lhe outro precalço: «Depois de já ter esta escrita, recebi outro livro. Apesar de tudo o que disse atrás não tive coragem de o devolver e aqui estou com mais 20\$00. Fica para oferecer a uma amiga que em breve faz anos. E que leitura mais edificante lhe podia dar? Só esta. A do Evangelho posto à prova no amor dos nossos Irmãos mais pobres».

Ó heroísmo! Ó beleza! Ó inteligência! Que alegria nos dão estes testemunhos de alma, diante dos choques de todos os dias com tanta leviandade, tanta banalidade, tanto vazio... a encher cabeças e corações!

Já que falei nos precalços originados pela nossa desorganização, tenho a notar que ainda só uma queixa nos apareceu pela imperfeição do livro: «No livro que me enviaram, faltam as páginas do n.º 57 a 72, as quais agradeço me enviem, para ter o volume completo».

DOCTRINA

continuação da página UM

Bem pequenino, bem celular, mas bem autêntico — que este e mais aquele e mais outro dariam um somatório que se chama bem comum e o bem do corpo social que as Famílias constituem!

Estas palavras envolvem duas fotografias. As casas que elas representam são em Gondarém, à beira do Rio Minho, debruçadas sobre a Espanha.

Poderíamos considerá-las um cartaz de turismo em terra de tal beleza, que merecia sê-lo... Mas nós revemo-nos nelas como em um espelho de Verdade, de Verdade cristã — aquela Verdade que Cristo tornou um dos seus nomes.

A obra que ali está erguida, que ali foi possível pela Força imanente de um coração sacerdotal, é uma luz e uma acusação: Acusação à nossa inércia, àquela sonolência mortal, que outra coisa não é senão debilidade na Fé. Luz oferecida aos homens de boa vontade, que cansados, talvez, das lições dos livros, anseiam por lições de vida.

Se não é por caridoso silêncio que outras queixas aqui não vêm dar, a minha admiração e um bravo aos rapazes da Encadernação pelo progresso registado nesta edição.

E para fechar esta nota, que já vai longa, ainda este testemunho, que só ele e o bem que ele revela, mereciam o esforço de escrever um livro e o custo de o imprimir. E é tanto o bem que ele faz, tanto o que a gente sabe, fora o que nunca conheceremos neste mundo!...

«Faço o envio de 20\$00 para pagamento do livro do 2.º volume «O Pão dos Pobres» que foi dirigido a F., Penitenciária de Lisboa.

Tanto tenho sofrido pela queda que dei e peço a Deus mais ânimo, para depois em liberdade enfrentar a vida no seu verdadeiro caminho, iluminado pela Fé de uma alma que tanto deseja a serenidade de espírito. Em Abril do próximo ano de 1963 estarei livre e por isso, se depois de essa altura sair outra edição de outro livro, agradecia que não mais o fizesse para aqui, mais pela razão de o livrinho não ficar liquidado e como se costuma dizer, contas são contas e não quero ficar na dúvida de ficar em débito com essa grande Obra que tanto admiro.

Fique V. Reverência certo que depois de livre eu me encarregarei de dar todo o meu pequenino auxílio possível».

Campanha de ASSINATURAS

A VOZ DOS LEITORES — Eis uma carta de Aveiro:

«Sou natural da Murtosa e resido actualmente em Aveiro onde estou empregado. Tenho 24 anos e sou solteiro. Do pequeno ordenado que usufruo tenho que pagar à modesta pensão onde resido. Sempre que sobra alguma coisa sinto-me na obrigação de auxiliar o meu pai que está tuberculoso».

Como admirador sincero dessa Obra do Pai Américo procuro sempre que posso pôr-me ao corrente de tudo o que lhe diz respeito. Assim, às vezes vou comprando o «Famoso» que um insistente «Gaiato» procura vender na Igreja da Misericórdia ou na Sé Catedral (Aveiro). Devido porém às minhas modestas possibilidades quase sempre tenho (e com muita pena) de dizer que não. Lendo há dias um número antigo do «Gaiato» que por acaso me veio parar às mãos, deparei com a local cujo recorte envio. E surgiu-me a ideia de fazer a seguinte proposta: Concordarão os senhores em considerar-me assinante, pagando eu a quantia de 15\$00?

Aguardo a resposta na disposição do mendigo que sabe que nada lhe devem. Caso estejam de acordo e logo que receba os primeiros números enviarei a quantia referente a 1962. Restar-me-ia a obrigação moral de fazer com que a «Vida» de que o Gaiato é portador não fosse estéril em mim».

Não é a primeira. No historial do Famoso são rimas e rimas de cartas idênticas!

É assim a delicadeza; delicadeza d'alma: «Concordarão os senhores em considerar-me assinante pagando a quantia anual de 15\$00?» Pois claro que sim! Nós estamos inteiramente de acordo com todas as con-



SETUBAL

O Liceu de Setúbal veio, este ano, trazer-nos a sua mensagem de Natal.

Sete autocarros com lotação acrescida transportaram alunos e alguns professores. Carros particulares trouxeram o Senhor Reitor, professores e pessoas amigas. Junto do presépio feito pelos nossos, todos se reuniram não para homenagear a imagem do Deus Menino, mas para dar amor a Jesus Vivo em cada uma das minhas crianças como em cada um dos meus rapazes. O orfeão executou belos cânticos de Natal e saudações fraternas. O convívio prolongou-se a seguir no nosso salão de festas!

Eu sei da preocupação do Corpo Docente daquele Estabelecimento de ensino: — Formar homens. Homens que conheçam a vida como ela é, na sua realidade crua, exacta. A vida comunitária. O viver de todos. Formá-los socialmente! Criar-lhes a consciência de obrigações sociais. Pôr-lhes na própria vida os problemas dos outros. Ensiná-los a sofrer a dor alheia e a gosar os triunfos estranhos. Assim: várias turmas, no próprio tempo de aulas têm ido visitar o nosso Lar ver, observar, perguntar, sentir para compreender, como quem recebe uma lição.

A festa que nos vieram fazer, foi toda ela preparada no sentido de despertar nos alunos o amor pelos outros jovens em situação de abandono. Uma lição bem urdida e sãbiamente adaptada por gente que vive a sério o problema social que nos ambienta e anseia esforçadamente por diminuir o sofrimento alheio.

Eu gostei muito. Desde os cânticos às poesias, poemas, peças, até à maneira cativante, afável como todos se apresentaram — como quem se aproxima para dar amor, não para receber homenagens!...

A muitos foi dada ocasião de conhecerem a Obra na sua realidade autêntica. Professores, alunos e famílias dos mesmos levaram consigo o sabor feliz de dar carinho. Eu vi os batatinhas a serem reis de to-

da a gente e os maiores a conviverem com os senhores doutores de amanhã.

Nós não merecemos estas visitas. O nada que somos e a inutilidade do que operamos bem o provam. — A Obra sim. Merece e precisa. Os milhares de jovens que frequentam os Liceus portugueses necessitam também muito dela! Da sua Luz!... Há tanta gente, por esse mundo além, formada em universidades, com consciência social de crianças, vivendo o ambiente fechado dos seus e a satisfação tacanha do próprio egoísmo. Gente que nasceu rodeada do indispensável ou da abundância e nunca soube o que é sofrer, vivendo na ilusão de que os outros são insensíveis à dor só porque nunca recebeu uma lição como a que estes Mestres prepararam aos alunos.

Desenvolveu-se uma campanha interna. Ensinou-se a dar. Uma quinta coluna que actual deve ter posto a trabalhar todas as suas energias! Eu dou graças a Deus por ela.

Roupas, livros, revistas, brinquedos e 2.000\$00 além da contribuição mensal para a renda do Lar!...

Quem dera que a lição frutifique e os outros liceus a aprendam.

x x x

Como nos mais anos também este Natal nos trouxe um vestido novo a cada. São as camisolas de que eles tanto gostam! As calças e as peles para o calçado! Uma prenda sabrosa, todos os anos portadora de ternura é a mensagem natalícia das Senhoras da Casa de Trabalho. Também ali há sacrifícios de relevo a favor dos Pobres. Eu conheço-os. Por isso dou testemunho. Duas mil crianças aquecidas merecem bem a exposição dos seus agasalhos. Não impera a vaidade, nem domina a vanglória, mas o gosto de fazer bem e a alegria do seu sabor. Em nome dos Pobres eu tenho uma palavra: Continuai!...

Padre Aclílio

dições; 15\$00 ou nada, mesmo, — se não puder.

O Famoso não é um jornal comercial. Não tem cobrança, senão para quem a pede; mas quem o aceita, naturalmente, contrai uma dívida (di-lo esse amigo de Aveiro). Dívida d'amor. Por isso, ao longo da caminhada, eliminam-se os pesos mortos. Faz-se uma depuraçãozinha benéfica. E vamos renovando, e aumentando, os quadros de gente fresca, interessada. Só durante o mês passado inscrevemos cerca de 200 novos assinantes! Graças a Deus.

PORTO/LISBOA — A chama permanece! Mais ou menos reluzente num que noutro lado. Mas permanece!

Hoje é Lisboa, de mangas arregaçadas, sem medo do frio ou da chuva, com uma rica fila de novos leitores, pela mão de vários amigos.

A propósito, muito gostaríamos de saber se 3 deles, angariados pelo assinante 16.120, poderemos inscrevê-los como certos. É que nós temos medo de listas com prováveis assinantes — por ser mais elegante, mais frutuosa, uma antecipada anuência do interessado. Assim, não se impingem e o Famoso é recebido com ambas as mãos. E evitamos um

exército de pesos mortos, que o «Gaiato» é obra de vivos — e tem Vida.

DO MINHO AO ALGARVE — Eis o grosso da procição! E para se avaliar de como escalda de entusiasmo, ouçamos agora um leitora de Leça do Balio:

«É com todo o gosto que envio o nome de uma nova assinante e queira Deus que eu possa arranjar mais, pois o vosso jornal deve ser lido por todos e principalmente por aqueles que andam esquecidos da pobreza, já que estão rodeados de todo o conforto e nada lhes falta — faltando-lhes tudo: fé em Deus, esperança numa vida bemaventurada e caridade para com o semelhante pobre e infeliz.

Que Deus tenha compaixão desses ricos tão pobres!»

Ó carta!

Segue Golães (Fafe), Moselos e Almeira (Gaia); Nine e S. Mamede d'Infesta; S. Pedro da Cova, Algueirão, Penafirme e mais duas listas de Belém, com gente fresca de Viseu e Muna (Campo de Besteiros).

É tudo!

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

AVARIAS. — O Zé Caraças. Sabem quem é o Zé Caraças? É o homem da cozinha. Falar dele é falar simultaneamente de avarias. Desta vez foi

aumentou, mas ainda estão a comer e nós vêm-nos em palpos de aranha...

Fala o Sr. Director do Boletim «Santa Cruz» que se queixa do atrazo. Ralha Sr. P.e Duarte de «A Som-



PELAS CASAS DO GAIATO

açúcar. Roubou um cartuxo à Senhora. Roubou não, que é feio, subtraiu que é mais elegante!

E ele ultimamente tem a mania que é doente e vai daí é chá a todas as horas. Desta vez saiu-se mal. Deram com o cartuxo, tiraram o açúcar e deitaram-lhe cinza. Ia a adoçar o chá e qual não foi o seu espanto ao ver a cinza, colocada por mágicas mãos.

Fez grande barulho, «cortou-se» e o caldo entornou-se. Descobriu-se que tinha feito visita oficial, à dispensa e toma que já almoçaste!...

JAIME. — Hoje os cozinheiros andam na baila. Também resolveu chamar seu as tangerinas, doce e mel e levar para o armário.

Rocha, Flora e A. Rolinha souberam do negócio e vá de fazer a respectiva limpeza juntamente com o Penche!...

E, ainda por cima, deixando o armário escavacado, deixavam o recado: ladrão que rouba a ladrão...

Aqui é assim. Não se faz nada por menos. Não há dúvida que estes foram bem apanhados...

DESPORTO. — Prosseguem os treinos com afinco, pois agora vamos ficar sem alguns bons elementos que vão para a tropa e não podemos ficar descalços.

O Sepadre Manuel que é o Director Geral dos Desportos e o Sepadre Carlos tesoureiro. Já prometeram o metal e vamos comprar equipamentos e redes, com promessa de serem estimados!...

TIPOGRAFIA. — Temos agora muito trabalho. O número de funcionários

bra de S. Domingos». Puxa-nos as orelhas a Senhora D. Maria da Graça de «Baião», que vai mal paginado! Atira-se para cima de nós Sr. P.e Fonseca do «Auto Construção». Faz barulho Sepadre Carlos pelo «Gaiato» que nós somos uns azelhas, descuidados, que o Jornal tem gralhas. O Júlio, o Pinto, o Avelino que têm mais que fazer do que aturar-nos. Os Tipógrafos que estão a aprender empastelam muito. Graças a Deus, o material não chega... cresce... compor em tipo mais pequeno, maior... ..E nós aguentamos, que é serviço... Que remédio!

daniel

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

O Sr. Padre Carlos queixa-se, amavelmente, e com razão, que a nossa Conferência é um vasadoiro. E deseja saber como vamos de contas. Ora há um ano já que o déficit sobe tanto, tanto, — que deixámos de ter coragem para somar os donativos recebidos e achar a diferença em relação aos suprimentos fornecidos pela Casa.

Hoje não podíamos, nem devíamos, deixar passar em claro mais esta faceta das nossas aflições. É que pode muito bem acontecer — assim Deus permita — que haja no meio da multidão de leitores do Famoso, um ou dois ou três ou mais que levantem o braço e tomem à sua conta todos os suprimentos. Então, haveria mais coragem para achar

a diferença. De contrário, valha-nos Deus!

x x x

O QUE RECEBEMOS — Para começar, temos uma figura conhecidíssima nesta humilde procição — é a assinante 17022, com os 40\$00 habituais. Metade de Georgina Costa, de Coimbra. E 100\$00 de um médico de Chaves, tão nosso amigo! Aqui vão os nossos desejos de melhoras e que Deus, ao menos, lhe atenuo o sofrimento. Mais, da Senhora da Hora, 20\$00. E 50\$00 de Cabeciras de Basto. E o mesmo de A. F., do Porto, cuja presença muito nos satisfaz. Assinante 19205, 120\$00 relativos ao 2.º semestre de 1961. De subscritores assim é que a gente precisa! São favas contadas. Agora temos Lisboa com 20\$00, pela mão de uma leitora da Rua Sylvio Rebelo. Um salto a Faro e mais 50\$00 do assinante 10348. O mesmo do n.º 1371. E mais 20\$00 de um Professor da Póvoa de Cervães. Idem, de Viana do Castelo. Outra vez o mesmo de Alijó. E, por fim, 50\$00 do assinante 259. É dos primeiros. É da velha guarda! A todos, os nossos agradecimentos.

Júlio Mendes

Visado pela Comissão de Censura

Da que nós necessitamos

No introito desta coluna, aqui estão notícias do pessoal muito amigo, da Fábrica Portuense de Tabacos. São 2.021\$00, «produto da recolha feita nos mealheiros da Fábrica Portuense de Tabacos, referente ao 2.º semestre do ano de 1961, cuja discriminação por dependências se faz a seguir:

Oficina de máquinas	773\$00
Oficina de cigarros	
colados	185\$50
Oficina de onças	455\$00
Oficina de enchimento	378\$00
Oficina de pique	229\$50

Soma 2.021\$00

É diminuta a importância para as necessidades e grandeza da Obra que v/ tem o encargo de dirigir e orientar, mas são migalhas de boa vontade dadas por quem, com sacrifício e trabalho, nem sempre devidamente compensado, ganha honradamente o seu pão.

Accite pois Reverendíssimo Padre a modéstia desta pequena oferta cuja simplicidade dos números estão longe de traduzir a grande amizade que o pessoal dos Tabacos vota à Obra do saudoso Pai Américo».

Bem hajam, bons amigos, e que as vossas aflições o não sejam, e continuem podendo ganhar honradamente o seu pão.

E 105\$00 de migalhas, com muito amor, das costureiras do

Hospital Geral de Santo António. 20\$ de Lisboa. Por intermédio de «O Comércio do Porto» 375\$. Ilhavo com 100\$. E o Porto com 500\$. Uma bela camurce de lã, da Lousã. Pedindo a conversão de um chefe de família, 20\$ do Porto. De Lisboa 60\$.

De A. T. V. 600\$ de uma promessa. E com o mesmo fim, 50\$ de Mortágua e 26\$ de Azinhaga. «Um amigo de Lisboa» com 200\$. De S. João da Madeira 20\$ e mais 20\$ duma assinante do Porto. Vilar do Paraíso envia 100\$. Serrinha com 20\$ e Anadia com 40\$.

E os talões de depósito feitos no Banco, de «um amigo da Obra» com 20\$. Do sempre presente pessoal da Mobil, 47\$50. Rio Tinto envia 100\$. Da Mealhada, «Uma pecadora» com 50\$. Lisboa com 20\$. Novamente Lisboa com 500\$. Um vale do correio de 20\$, encontrado na caixa-mealheiro no átrio do Teatro Sá da Bandeira. Da Póvoa 20\$. Da firma Polónio Basto & C.ª, 500\$. Mais o Porto com 20\$.

De Luanda, a contribuição mensal de 100\$, para a renda da casa do Barredo. Legendas e presenças muito conhecidas: «De uma amargurada pelo dia 22», 50\$. «Por alma d'Aquela que eu tanto amava, para a Obra que ela tanto amou», 50\$. Para a viúva da Nota da Quinzena 100\$ e mais 100\$ para ajudar uma mãe a alimentar seu filho. «Três

Marias», de Lisboa com 350\$.

Mais 300\$, produto do mealheiro da oficina de ourivesaria de Fernando Augusto Trigo. E «Avó de Moscavide» com 20\$. E os habituais 20\$, de Soure. Como sempre, aqui informamos que de Espelho da Moda tudo é recebido, assim como tudo e qualquer coisa dirigida à Casa do Gaiato cá vêm ter. Os Funcionários dos Correios conhecem-nos. E quem há aí, que nos não conheça?!

Da Covilhã, a oferta sempre muito apreciada de uma peça de tecido de lã. Que bom, se todos os fabricantes se lembrassem de nós, com 180 rapazes para vestir! Rio Tinto com 400\$, aumentos de ordenado de um casal. Mais peças de malha e brinquedos e 500\$ de C. Teixeira Gomes de Lisboa. Espinho com retalho de fazendas. E um embrulho de cobertores, «duma velha amiga da Obra». 1.300\$ da Palhaço com muito carinho.

Dum assinante do Rio de Janeiro, 100\$. Dos funcionários da Caixa Sindical Textil: «A muita admiração por essa Obra juntar a importância de 1.100\$, que oferecem com muito carinho». Mais artigos de malha da Fábrica de Malhas de Santa Luzia. Peúgas do Porto. Cobertores de Castr Daire.

Para terminar, a presença de muito que recebemos, graças a Deus, e não anotamos.

Manuel Pint

T O T O B O L A

TRIBUNA de Coimbra

A ideia caiu e caiu bem. A ideia de um tostãozinho por cada impresso—ou par de impressos—necessário à aposta!

Não vamos anunciar que foi multidão incontável a dizer que sim. Mas muitos marcaram presença viva, cheia de calor e de espontaneidade. E muitos mais não venceram a inércia, que os reteve no juízo de aprovação sem lhes permitir chegar à expressão desse mesmo juízo. De resto, a ideia é tão simples, o seu alcance tamanho—que bem poderia ser a aceitação gostosa desta medida uma resposta popular, a suprir outras respostas oferecendo técnica e conselhos, com os quais não temos visto fazer grande coisa em matéria, de sua natureza, pouco vistosa.

Ora queiram escutar algumas das ditas presenças, para tomarem o tom:

«Voto entusiasticamente para o tostão a mais nos bilhetes do Totobola! Seria uma ideia — a pôr-se em prática — maravilhosa! Não haverá certamente quem não concorde».

E estoura:

«Não arrefeçam no tostão do impresso, teimem que quem teima vence».

Há semanas passadas eu e meu marido tínhamo-nos lembrado disso e fazia tenção de vos escrever nesse sentido, mas outros já o fizeram e todos achamos muito boa a ideia. Não sobrecarrega ninguém, e vai beneficiar tanto infeliz.

Permita Deus que se consiga».

E mais esta:

«Ao ler o último número do Famoso, vi o vosso alvitre sobre o TOTOBOLA, ou seja que os impressos passassem a custar cada um \$10, ou cada dois, sendo essa quantia para o Património dos Pobres. Não há dúvida que assim devia ser e assim se começava a fazer mais casas para os pobres, como seriam felizes esses pobres contemplados com as suas casas, e nada custa a cada Totobolista dar mais um tostão. Eu por mim como assíduo Totobolista, acho ótima a ideia e dou o meu VOTO para uma ideia justa e muito humana».

E ainda esta:

«Se a coisa é de votos a assinante n.º 33540 vem aqui já votar a favor da vossa ideia, quanto à venda dos impressos para o Totobola».

E mais outra:

«Envio dois votos pelo artigo do Totobola e desejo ardentemente que a ideia encontre eco. E isto rapidamente que o tempo não está para demoras...».

E só mais uma:

«A vossa ideia sobre o «Totobola» é assim a modos como a descoberta duma mina de ouro, que tanto pode ser amarelo como preto e que neste caso é de papel...».

Não quero deixar de corresponder para o êxito da ideia com o meu entusiástico voto. E Deus que faça o resto».

Os Jocistas, que em regra «vivem de perto o problema da habitação» e estão, portanto, «em boas condições para compreender sem dificuldade a tragédia daqueles que a não possuem», também votam pela pena de um redactor do seu jornal: a «Juventude Operária».

Pois pudera, se eles não hão-de entender este problema!

Há dias era um que foi nosso e hoje é pai já de dois filhos que desabafava: «Que saudades eu tenho das janelas rasgadas da nossa Casa do Tojal! Quem me dera poder dar aos meus filhos ar e sol por uma medida assim!...»

E outro procurava-me para me dizer a sua nova morada, melhor do que a anterior: um quarto com janela para saguão numa velha avenida de Lisboa. Preço?... 350\$00. E ele ganha pouco mais de mil!

Ajudar estes rapazes e outros e tantos por esse Portugal além a darem aos filhos ar e sol por janelas rasgadas, por um preço que não obrigue a tirar à boca — que obra séria, verdadeira não é!

Ora se o Totobola, que nasceu para bem da Assistência e do Desporto, também ajudasse a «dar ar e sol por janelas rasgadas» às Famílias pobres de Portugal, Deus sabe quantos desportistas, quantos homens saudáveis, não ganharíamos — em vez de tantos enfadados de corpo e viciados de alma que nasceram e vegetam em lugares desumanos, com perigo de tantos deles se virem a tornar peso morto para a Pátria, cuja Assistência terá de os sustentar.

Diremos, pois, com alguns dos testemunhos acima publicados, como dos mais expressivos de entre os recebidos, que: havemos de teimar, «que quem teima vence»; «e isto rapidamente, que o tempo não está para demoras»; «e Deus que faça o resto»!

Prendas de Natal. Recebemos muitas. Também quisemos que os nossos rapazes as tivessem e os Pobres do mesmo modo. Fomos a uma Fábrica, comprámos e carregámos a Opel de cobertores. Na noite de Natal foi uma romaria; cada um à procura de mais um: Olha tão quentinho que ele é! No mesmo dia encomendámos cento e dez casacos de malha de lã e já todos andam a servir. Até de noite os não largam, se o chefe não toma cautela. A conta ajuda a estamos a dever. Na primeira semana, no dia em que a arca da moagem já nada tinha, chegou-nos uma camioneta de milho e em troca demos treze contos. Foram assim as nossas prendas de Natal.

As que recebemos. De Coimbra: Cinquenta num estabelecimento; vinte dum sacerdote e o mesmo doutro; mais cem ainda doutro e o mesmo do mesmo modo; cem e mais cem do Pai muito saudoso da filhinha que Deus levou; 25 dum leicista; cem em carta; 50 da 9.ª prestação para o Calvário; 500 da Auto Industrial; os mimos da Triunfo; 1.200 do Governo Civil; 600 do Pessoal do Salão Azul; coisas para as boroinhas de Barbosa Sobrinho.

Um dominó; 50 e roupas levadas ao Lar; cem e roupas do mesmo modo; 20 na Sé Nova; 50 na rua de uma Senhora mui-

to humilde que me chamou o doce nome de Representante do Senhor Padre Américo. Eu respondi muito vaidosamente que nunca ninguém me havia chamado nome tão lindo. Cem da Fábrica de José Adelino da Silva; 200 da Senhora de sempre; a lembrança da Fábrica de Curtumes; 400 das Amiguitas muito amigas; 60 em carta; 500 por meio da Mãe dos nossos estudantes; duzentos a um vendedor; a visita do dia de Natal da Família de todos os anos; 50 a pedir uma Missa pelo Snr. Padre Cruz; uma ceira de figos de mercearia sempre aberta; roupas e cem leva-

dos ao Lar por um senhor que ainda agradeceu; muitos mimos das alunas da E. M. Primário; 50 para as boroinhas; um embrulho de roupas no Castelo; três garrafas de vinho do Porto; uma peça de riscado, S. de Fazendas; 20 em Santa Cruz; 500 de Almeida e Costa; 150 de uma simpática dívida a Pai Américo, por Viúva Amiga; um bolo-rei; 50 em carta a um vendedor; 20 a outro; 50 em carta; mais 50; 500 e dois grandes bolos-rei e a carinhosa presença do Casal Amigo da primeira hora.

Duzentos e o fato do filho da Viúva dum Senhor que tanto nos estimou; 300 do Colégio Alexandre Herculano; 300 a um vendedor; 200 em carta para o Lar; um embrulho com muitos bonés; 20 em Santa Cruz; cem pelos bons resultados escolares dos filhos; 2.100 da Senhora que tem sido um modelo de persistência cristã. Não é necessário afirmar para acreditar na paixão pela nossa Obra.

De Tomar: mil duma doentinha pobre; 50 à porta da igreja; 18\$80 das Meninas do Colégio; 2 garrafas de espumante, retalhos e 20\$; 1 pacote de açúcar; um saco de pão; 20 para as boroinhas.

De Miranda do Corvo: vários dias de serração pagos por um dos donos que tem sido para nós sempre um pendão de bem; 50 do Snr. Prior; abóboras e mil dum Casal Amigo; 40 dum Senhor Viúvo; toda a azeitona e muitas atenções da Câmara Municipal; cem da nossa Professora; uma ceira de figos; 3 garrafas de vinho do Porto.

Dois embrulhos de roupas de Moçambique, por alma do Pai. Coisas tão boas! Roupas e toalhas de Senhora muita amiga da Maceira-Lis e agora um embrulho com mais roupas da Conferência Vicentina da mesma terra; 500 do Grémio dos Industriais de Arroz; 100 da S. N. de Sabões; 200 da Farmácia Normal de Lisboa; 100 dum Snr. Engenheiro da capital; 500 de Senhora Peregrina das nossas Casas, também de Lisboa; peúgas para todos da Fábrica da Lousã; 150 de uma doente para doentes; 20 dos Açores; 10 selos de Alcobaça; 50 do vendedor na Figueira; mil de anónimo de Cantanhede.

O nosso desabafo da família de pais doentes e filhos com fome foi escutado: 20 de Lisboa; cem de Moncorvo; 50 de M. D., 100 de Viúva de Coimbra; cem de Lisboa; um cobertor do Porto; vinte de Coimbra.

Padre Horácio

UM APELO

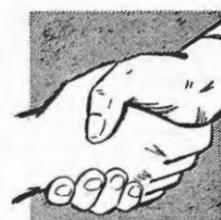
Da Guarda, recebemos o seguinte postal:

«Estou internado, há 3 anos, no Sanatório Sousa Martins e dedico-me à filatelia, encontrando neste passatempo um pouco de conforto».

Por este meio, venho solicitar a generosidade de lançar um «apelo» aos assinantes de «O Gaiato» que me queiram ajudar, enviando-me selos usados para mitigar um pouco o meu sofrimento.

Cassiano Pinto

Quem levanta o dedo?



Auto- Construção

Pode tratar-se dum homem rico, dum industrial ou comerciante, dum proprietário ou africanista ou brasileiro afortunado. Procuram um engenheiro, mandam fazer um projecto que saia um pouco do vulgar, compram terreno que abonde, contratam um mestre de obras.

A obra é principiada depois de algumas dificuldades, mas o dinheiro acabou por vencer. O dinheiro, realmente, neste campo é decisivo. Se ao dinheiro se juntar o tempo, todas as dificuldades finalmente se vencerão.

Mas a sociedade não consta só de industriais, comerciantes, africanistas, brasileiros, etc. Há os inumeráveis pobres e os inumerabilíssimos quase pobres. Destes, que são legião, se costuma dizer: chapa ganha, chapa gasta. A estes, e são tantos, queria Auto-Construção dar alento, dar fé, dar ajuda substancial em ordem à construção de suas próprias vivendas. Como? Doutrinando e agindo ao mesmo tempo.

Sem doutrinação não se pode pensar a sério em lançar o movimento de casas para trabalhadores pelos próprios trabalhadores. Sem acção não se pode pensar em doutrinação.

Fomos um dia a um congresso da especialidade. Em certa altura apareceu um Teórico que disse e tornou a dizer: Primeiro doutrinar e ainda a seguir doutrinar. Mas no Evangelho não é assim. Nos Actos

dos Apóstolos não é assim. Doutrinar e agir ao mesmo tempo. Deseja fazer assim Auto-Construção.

Em qualquer terra haverá rapazes, homens recentemente casados que não possuem casa própria e a desejam construir. Falar a cada um em separado deste movimento. Repetimos: Falar a cada um em separado. Convém que o grupo nem seja muito pequeno nem muito numeroso.

Para principiar nem menos de seis nem mais de doze. Convém que haja alguns operários de construção civil: alguns carpinteiros, alguns caidadores, e, se for região de pedra, um ou dois pedreiros e alguns trabalhadores que se adaptarão a ajudar os artistas. A cada um em particular, repetimos mais uma vez, lê-se-lhe bem a cartilha. As dificuldades, as contrariedades, o tempo longo, o trabalho desigual dos diferentes membros do grupo, mas também a beleza do trabalho em comum, a solidariedade humana, o exercício da união da caridade em Cristo, o auxílio a receber como estímulo e as dezenas e dezenas de casas já feitas por esta forma. E, em muitos casos surgirá mais um grupo de Auto-Construtores.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira)

Padre Fonseca